

A educação permanente em saúde e a educação libertária de Paulo Freire

A Educação Permanente em Saúde retrata os processos educativos dos profissionais de saúde, sinalizando para práticas que vão além da educação em serviço e da educação continuada. Implica, pois, em nova forma de conceber a produção de saberes e de fazeres - que não mais vistos de forma segregada, devendo ser compreendidos em sua inseparabilidade. Assim, atrela-se ao processo, o ensino, a gestão, o cuidado e o controle social, coadunando a política de formação e desenvolvimento para o Sistema Único de Saúde (SUS) – a chamada Política Nacional de Educação Permanente em Saúde, em vigor no Brasil, desde 2004 - ao incitar a articulação das necessidades dos serviços de saúde, as possibilidades de desenvolvimento dos profissionais, a capacidade resolutiva dos serviços de saúde e a gestão social sobre as políticas públicas de saúde.

Em sua realidade concreta, ancorada em referenciais políticos e ideológicos emergentes, a Educação Permanente em Saúde, deve ser assumida como prática diária, ou também, como aprendizagem-trabalho no sentido de que os problemas, tanto quanto as soluções, emergem do cotidiano dos profissionais e das organizações de saúde. Conduzida dessa maneira, toda prática educativa permanente, no âmbito da saúde, surge dos problemas reais vivenciados, cuja superação parte dos conhecimentos e das experiências que as pessoas envolvidas, possuem. Por assim ser concebida, o processo educativo dos trabalhadores da saúde, se dará na problematização do seu trabalho, equacionando as necessidades do serviço, o desenvolvimento dos trabalhadores e as necessidades de saúde da população. É por essa natureza que se afirma serem os processos de Educação Permanente em Saúde transformadores das práticas profissionais e da própria organização do trabalho, numa intensidade tal qual os profissionais são transformados por ela.

Enquanto referencial emergente, a Educação Permanente em Saúde é um desdobramento dos movimentos de mudança na formação profissional. No caso brasileiro, não se nega a similaridade com os pressupostos do educador Paulo Freire, haja vista que os processos educativos são concebidos como intervenções que procuram transformar o conhecimento ingênuo em libertário, a partir da consciência crítica dos fatos. Esse processo permite a reconstrução da realidade por meio de ações contextualizadas. A isso, Paulo Freire denominou de *ação-reflexão-ação* e insistiu tratar-se de caminho viável para a constante superação da prática, por meio da criticidade e da ação.

Por isso, a Educação Permanente em Saúde é dita libertária. Pressupõe não apenas a demanda por formação técnica, mas também, a formação ética, humana e sociocultural, com vistas às práticas de saúde pautadas na responsabilidade social, no engajamento, no compromisso com a cidadania e com a promoção da saúde integral das pessoas. Assim, refuta qualquer forma de intervenção profissional alienada – quando se baseia na reprodução do fazer - que seria oposta à libertação. Avança o ‘saber’ e o ‘fazer’, exigindo o ‘saber-fazer’. Daí, que libertária porque exprime uma atitude comprometida, pensada e repensada, que emana dos saberes pregressos, do contexto atual e do novo inacabado.

As dicotomias profissional/usuário, serviço/comunidade, gestão/cuidado não se perpetuam sob as premissas da Educação Permanente em Saúde. Porque fazem parte de um mesmo contexto que direcionam e impulsionam novos saberes e novas práticas

indissociáveis. Da mesma forma, defendida por Freire, ao assumir que os atores se educam no contexto pelo diálogo autêntico; ou, como o mesmo dizia, ‘ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam mediatizados pelo mundo’. Nessa atitude, as pessoas se despem de suas certezas e buscam saberes que sejam capazes de transformar a si mesmo, aos outros e, conseqüentemente, a realidade que os circunda.

É fazendo que sabem; é sabendo que fazem; é fazendo-sabendo que recriam o que antes os limitavam. Por isso, a Educação Permanente em Saúde é, por essência, libertária.

Vanessa Denardi Antoniassi Baldissera

Docente do Departamento de Enfermagem

Universidade Estadual de Maringá

Pesquisadora em educação e saúde

Líder do GEEPS- Diretório de Pesquisas CNPQ

Sonia Maria Villela Bueno

Docente da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto

Universidade de São Paulo

Pesquisadora em educação e saúde

Líder do CAESOS - Diretório de Pesquisas CNPQ